

A PSICOMOTRICIDADE EM MEIO AQUÁTICO

Ana Rita Matias
Universidade de Évora (Portugal)

OPEN ACCESS

Correspondencia:

Ana Rita Matias
Escola de Ciências e Tecnologia
Universidade de Évora
Rua Romão Ramalho, 59
7000-671 Évora
armatias@uevora.pt

Citación:

Matias, A. R. (2018). Psicomotricidade em meio aquático. *RIAA. Revista de Investigación en Actividades Acuáticas*, 2(4), 68-69.
<https://doi.org/10.21134/riaa.v2i4.1539>



Creative Commons License

Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-Compartir-Igual 4.0 Internacional

A Psicomotricidade ao incutir um olhar global e integrador sobre as diversas dimensões do desenvolvimento do indivíduo, permite uma união entre a expressão corporal e a atividade mental. A relação corpo-mente constrói-se ao longo da nossa existência, mais ou menos harmoniosamente, e a nossa imagem do corpo evolui num movimento de integração de experiências de vida, numa combinação de três tempos: passado, presente e futuro (Potel, 1999).

De um modo geral, a intervenção psicomotora pode ser indicada em dois âmbitos: preventivo e terapêutico. Em ambos a água é encarada como mediador. A mediação propõe um espaço “entre”, propõe um espaço intermédio. A água é vista e pensada não só como elemento físico, mas também como elemento simbólico. No âmbito preventivo, a água assume um papel mediador do desenvolvimento e da aprendizagem. Pretende-se educar as capacidades sensitivas, perceptivas, simbólicas e representativas, permitindo a identificação precoce de fragilidades desenvolvimentais. Começa a ser uma tendência que a intervenção do psicomotricista seja acompanhada por um outro profissional, nomeadamente, do professor de educação física, num modelo de parceria pedagógica. Segundo Sanches (2011) esta cooperação entre os profissionais leva à reflexão, ao questionamento das práticas, a uma melhor compreensão dos erros de cada um, à procura de respostas para diferentes situações, à utilização de novas estratégias e à sensação de partilha e de união entre equipas, contribuindo assim para o desenvolvimento das práticas profissionais. Quando estas fragilidades se conseguem situar num quadro clínico, com interferência no quotidiano do indivíduo, ao nível da aprendizagem e relações, então a intervenção psicomotora em meio aquático será remetida para o âmbito terapêutico.

Neste âmbito, através de um corpo em relação, pretende-se uma securização pessoal e relacional, na capacidade adaptativa de desempenho pela ação, na adequabilidade da intencionalidade (Matias, 2010) e na forma de comunicação. Também nesta forma de intervenção, se pode ponderar, apesar de menos habitual, a parceria terapêutica ou coterapia. Nesta, para além de ser fundamental existir uma boa relação entre os terapeutas, acresce a necessidade de criar um clima que seja terapêutico e confortável para os participantes (Roller & Nelson, 1991). Cada terapeuta pode assumir um papel diferente no grupo, assumindo uma atitude mais ou menos ativa, mais ou menos próxima, sendo que a coterapia facilita a evolução quando um indivíduo precisa de uma atenção especial (Albaret, Giromini, & Scialom, 2015), em função da fase do processo terapêutico em que se encontra.

Na intervenção psicomotora, independentemente do âmbito, o corpo assume um papel fundamental pois é ele que experimenta, que sente, que percebe e representa internamente as experiências vividas. Será através das manifestações corporais e respetivos significados que se estabelecerá um diálogo corporal (Ballouard, 2008). É através do corpo que o psicomotricista usará a sua própria experiência corporal como instrumento de ressonância e compreensão das situações.

Também o jogo partilha deste protagonismo. Permite ao indivíduo aceder a uma liberdade, a uma criatividade, facilitando o desenvolvimento e favorecendo a comunicação (Winnicott, 1975). É através do jogo que o indivíduo expressará os seus gostos, as suas angústias (Vicens, 2004) e descobrirá as suas fragilidades bem como as suas potencialidades.

Em suma, a intervenção psicomotora oferece inúmeras possibilidades, surgindo como um pilar, uma base estrutural de outras atividades que se desenvolvem em meio aquático, sejam elas ao nível da adaptação ao meio aquático ou da preparação para a aprendizagem formal das técnicas de nado ou até outras atividades aquáticas. Apesar de se acreditar no potencial de aprendizagem dos indivíduos, sabemos que a situação clínica destes poderá interferir com o seu processo de aprendizagem, limitando-o nas aquisições. Ainda assim, ambiciona-se que o indivíduo venha a conseguir frequentar sessões de atividades em meio aquático que o aproxime das vivências possíveis com os seus pares.

Referências

- Albaret, J. M., Giromini, F., & Scialom, P. (2015). *Manuel d'enseignement de psychomotricité: Tome 2- Méthodes et techniques*. De Boeck Supérieur.
- Ballouard, C. (2008). *Psychomotricité: 25 notions clés*. Paris: Dunod.
- Matias, A. (2010). *Psicomotricidade em meio aquático*. Venda do Pinheiro: TuttiRev Editorial.
- Potel, C. (1999). *Le corp et l'eau*. Paris : Editions Érès.
- Roller, B., & Nelson, V. (1991). *The art of co-therapy: How therapists work together*. Guilford Press.
- Sanches, I. (2011). Do aprender para fazer ao aprender fazendo: As práticas de educação inclusiva na escola. *Revista Lusófona de Educação*, (19), 135-156.